

## CAP. VI

### ASPECTOS DEMOGRAFICOS

#### EVOLUÇÃO POPULACIONAL

Abreu Lima parece ter sido o primeiro governador-geral que mandou fazer o recenseamento da população não só na Ilha de Moçambique como também nas vilas dos governos subalternos. Segundo o mapa elaborado em 1847, a população de Lourenço Marques foi computada em 120 homens livres e 327 escravos (15, II vol., p. 33).

Os números referentes a 1878, 1885 e 1893, citados por Lobato (57, p. 26), dizem apenas respeito a não-africanos. Só em relação a 1908 começa a citar os africanos, que seriam 3242, número que nos parece pecar por defeito dados os elementos apurados em 1912. De facto, o censo realizado em 1 de Dezembro desse ano, apresentou os seguintes resultados :

QUADRO IV

| Zonas     | Africanos |      | Não-africanos |      |                    |     |
|-----------|-----------|------|---------------|------|--------------------|-----|
|           |           |      | Europeus      |      | Asiáticos e mistos |     |
|           | H         | M    | H             | M    | H                  | M   |
| Cidade    | 4 802     | 893  | 3607          | 1717 | 1896               | 438 |
| Subúrbios | 6 564     | 5086 | 186           | 50   | 557                | 283 |
|           | 11 366    | 5979 | 3793          | 1767 | 2453               | 721 |

O censo realizado dezasseis anos depois, em 1928, não revelou significativo aumento da população africana, constituída por 23 090 indivíduos, sendo 15 685 do sexo masculino e 7405 do sexo feminino.

De 1935 a 1950 a população africana dobrou em número, passando de 28 566 para 57 755. Foi, porém, a partir daquele último ano que o aumento se tornou explosivo, acusando já o censo de 1960 nada menos

do que 122 460 habitantes africanos na área do concelho de Lourenço Marques.

O seguinte quadro permite comparar a evolução da população africana com a não-africana:

QUADRO V

| Anos | Africanos | Não-africanos |
|------|-----------|---------------|
| 1908 | 3 242     | 6 607         |
| 1912 | 17 345    | 8 734         |
| 1928 | 23 090    | 14 211        |
| 1935 | 28 566    | 18 822        |
| 1940 | 45 632    | 22 591        |
| 1950 | 57 755    | 35 510        |
| 1960 | 122 460   | 56 086        |

Tem-se, por conseguinte, mantido com surpreendente regularidade a proporção entre os primeiros e os segundos (2 para 1).

#### ESTIMATIVAS ACTUAIS

Tanto quanto sabemos, o mais apurado e recente recenseamento da população africana residente na área do concelho de Lourenço Marques que especialmente nos interessa (e que exclui o posto administrativo do Benfica, predominantemente rural e apenas acrescentado em 1964) é o que se deve à Campanha de Erradicação do Paludismo. A superfície a pulverizar foi dividida em numerosas zonas, facilmente delimitadas, sendo cada qual percorrida por pessoal especialmente treinado que efectuou levantamentos pormenorizados, numerou todas as construções e recenseou os habitantes. No posto administrativo da Munhuana foram encontrados, em 1966, cerca de 153 000 africanos. Se lhes acrescentarmos os 25 000 que, segundo as nossas estimativas, habitavam no centro da cidade que constituía a área sede, obteremos um total de, aproximadamente, 178 000.

Este número afigura-se-nos mais próximo da realidade do que o estimado, por outros métodos, pelos serviços municipais competentes, com base no inquérito por amostragem realizado de 1963 a 1965 em oito zonas suburbanas, para recolha de diversos dados sociológicos, económicos e demográficos. O número médio de habitantes por moradia foi apurado em

4,89. Considerando apenas uma área de 770 hectares de mais denso povoamento, onde, por meio de fotografias aéreas, foram contadas 33 351 moradias de todos os tipos, estimou aí um total de 163 000 habitantes. Ora, comprovando a mesma fotografia e a contagem da Campanha de Erradicação do Paludismo que nos restantes 3680 hectares do Posto da Munhuana havia, pelo menos, mais 20 000 habitações precárias, obter-se-ia — entrando em conta com os 25 000 moradores do centro da cidade — o total exagerado de 260 000 africanos, o que representaria entre 1960 e 1966 o excessivo aumento anual de cerca de 23 000 almas.

O nosso próprio inquérito não confirmou aquela média de habitantes por moradia, aproximando-se a que obtivemos da que foi encontrada pela Campanha de Erradicação do Paludismo, isto é, 3,0. Nos fogos por nós inquiridos viviam, em média, 3,2 pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. A divergência entre esta média e a calculada pelos serviços camarários deve-se, muito provavelmente, ao facto do número de habitantes por moradia ser superior nas áreas anexas à «cidade de cimento» e aos centros de trabalho. Ora o inquérito municipal foi efectuado apenas em 110 hectares das zonas precisamente mais densas e próximas; o da C. E. Paludismo, do mesmo modo que o nosso, abrangeu a área do concelho que (sempre com exclusão do posto do Benfica) tem 5346 hectares e que coincidia com a área do foral que vigorou até 1963.

A cifra que estimamos para fins de 1968 — 200 000 — representa um aumento, bem menor, de 6 a 7 % ao ano a partir de 1960, taxa de crescimento normal nas restantes cidades da África Central e Oriental. Um meio indirecto de confirmação é constituído pelo cálculo do aumento do consumo de água nos marcos e fontenários dispersos pelos subúrbios: entre 1961 e 1967 foi de cerca de 8 % ao ano.

Nestas estimativas não utilizámos o recenseamento administrativo por este não incluir os africanos que, embora residentes em Lourenço Marques, pagam o imposto domiciliário na terra da sua origem.

#### TAXA DE CRESCIMENTO

Reveste-se, naturalmente, de importância fundamental, conhecer o ritmo a que vai crescendo o centro urbano que se estuda.

Lobato (57, p. 17), frisando simultaneamente que a Administração Pública procurava, por medidas especiais, evitar que o afluxo dos rurais a Lourenço Marques se tornasse imoderado, calculou em 1,9 % ao ano o aumento da população africana entre 1912 e 1927, taxa relativamente

baixa se tivermos em conta que, no mesmo período, a dos europeus foi de 3,26 % e a dos mistos de 3,87 %. Entre os censos de 1940 e 1950 o aumento representou-se por cerca de 1200 habitantes anualmente. Foi entre 1950 e 1960 que o crescimento se tornou espectacular, atingindo uns 6500 africanos por ano, isto é, cinco vezes mais do que nos dez anos anteriores. A taxa oscilou, então, entre os 6 % e os 7 %, percentagem que se mantém, conforme atrás estimámos (\*).

Sem dúvida que a causa principal deste incremento espectacular é o afluxo de rurais. De bem menor importância é a natalidade. Diversas autoridades têm chamado a atenção para a menor fertilidade das mulheres africanas residentes nos centros urbanos (89, p. 42). Balandier (10, p. 49) encontrou em Brazzaville apenas 1,2 crianças por mulher, o que explicou pela influência da prostituição, das doenças venéreas e das práticas anti-concepcionais. Também em Lourenço Marques se observou em 1940 que a fecundidade das mulheres africanas se apresentava menor do que no geral da Província. Na verdade, a média do número de filhos havidos por mãe foi de 3,3 em todo o território de Moçambique e de 2,6 na capital. Em 1950 constatou-se o mesmo fenómeno sendo aquelas cifras respectivamente de 3,5 e 3.

Para esta queda da fertilidade média entre as mulheres urbanizadas deve também contribuir um afluxo invulgar de mulheres estéreis, foragidas do meio rural. Como se sabe, pelos valores da cultura tradicional que concedia importância excepcional à reprodução da espécie, a esterilidade colocava a mulher sob um autêntico estigma, sendo essas desgraçadas objecto de escárnio e desprezo (52, I vol., p. 196). O marido tinha o direito de expulsar a esposa estéril e de exigir a restituição do lobolo. Acontecia, geralmente, que os pais da infeliz a complementavam por uma parente mais nova que ficava como segunda mulher. Hoje em dia são frequentemente acusadas de feitiçaria. Um inquérito realizado em 1957 entre 1238 operárias da «Caju Industrial», parece sugerir a importância do factor esterilidade: das 1127 que declararam ser celibatárias (mas sem dúvida de costumes livres) 425 não tinham filhos. Entre as 92 que viviam em concubinação, um terço, mais justamente 32, também afirmaram não possuir prole.

(\*) Segundo Gutkind (44, p. 168), a taxa de crescimento em vinte e oito cidades africanas sitas ao Sul do Sahara, foi de 4 % entre 1931 e 1948 e de 5 % entre 1948 e 1960. Houve, contudo, importantes variações na África Central e Ocidental onde atingiu valores que se situaram entre 8 e 9 %.

Uma indicação importante da contribuição dada pelos imigrantes para o elevado ritmo de crescimento é, naturalmente, fornecida pela percentagem que os nascidos na cidade representam no total da população africana. Essa percentagem, que em 1940 era de 39,6 %, desceu para 29,2 % em 1950. Hoje apresenta-se ainda menor, a julgar pelos resultados do nosso inquérito: apenas 21 % dos inquiridos declararam haver nascido em Lourenço Marques.

Apesar disso, tal percentagem é bem maior do que a verificada em outras cidades da África Oriental, onde oscila entre 5 e 10 % (44, p. 173), o que depõe a favor das maiores possibilidades de estabilização da população africana da nossa capital.

#### DESPROPORÇÃO NUMÉRICA ENTRE OS SEXOS

A desproporção numérica entre os sexos é característica comum à população adulta africana das cidades da África Oriental e Meridional. Por banal que este facto pareça a todos os africanistas, é conveniente tê-lo sempre presente, até mesmo porque se encontra em contradição com a afirmação, tão comum nos tratados de sociologia urbana, de que os grandes centros são caracterizados pela preponderância numérica do sexo feminino (\*).

Como veremos, aquela desproporção deve atribuir-se ao afluxo de jovens solteiros, à mão-de-obra do tipo migratório que parte das zonas rurais para trabalhar, por tempo limitado, em Lourenço Marques, e, finalmente, ao desinteresse ou impossibilidade de bastantes varões viverem com suas famílias no centro urbano, em total economia de mercado e com dispensa da contribuição dada pela agricultura e colecta de subsistência, onde a mulher desempenha papel tão fundamental. Há também que levar em consideração a diferença existente entre a idade em que o homem consegue reunir o montante suficiente para o lobolo e aquela em que a mulher se encontra em condições de contrair matrimónio. Há, enfim, a acrescentar a considerável escassez de mulheres solteiras, verificada em todo o Sul do Save, escassez provocada pela poligamia e pela mortalidade varonil, que faz crescer desmesuradamente o número de viúvas.

(\*) A feminilidade da população de Lisboa acentua-se de ano para ano. Em 1966, dos seus 825 800 habitantes apenas 369 300 eram do sexo masculino. No aumento de 25 200 habitantes verificado entre 1960 e 1966 os varões apenas representaram 8100.

Hilary Flegg (36), em 1957, encontrou, na área que estudou, uma proporção de 126 homens para 100 mulheres. Todavia, os números em que se baseou incluíam a «zona exterior» (Matola e Machava). Corrigindo-se de harmonia com os mapas publicados em outro trabalho da autora (37) que incluem apenas a «zona interior» (cidade) e a «zona média» (subúrbios), altera-se aquele sex-ratio para 140.

O censo de 1960 apresenta resultados algo diferentes. Ressalta uma relativa aproximação no que se refere ao número de varões africanos residentes na «zona interior» que corresponde à área-sede do concelho de Lourenço Marques (14 000 em 1957, 16 976 em 1960). Já no que respeita ao número de africanas residentes na mesma área, a diferença é importante (750 em 1957, 4118 em 1960) e deve-se, provavelmente, à crescente propensão das mulheres para se empregarem em serviços domésticos, ficando alojadas nos anexos das residências patronais. Quanto ao sex-ratio existente entre a população africana do concelho e das áreas administrativas circunvizinhas, observaram-se os seguintes valores:

|                                     |     |        |      |     |          |
|-------------------------------------|-----|--------|------|-----|----------|
| — Concelho de Lourenço Marques      | 147 | homens | para | 100 | mulheres |
| — Concelho da Matola (vila) . . . . | 79  | »      | »    | »   | »        |
| — Idem (área rural) . . . . .       | 89  | »      | »    | »   | »        |
| — Posto da Machava . . . . .        | 88  | »      | »    | »   | »        |

A crer nos elementos apresentados por Southall (89, p. 46) parece que em Lourenço Marques a desproporção é consideravelmente menor do que em Salisbúria (sete para uma) e Nairobi (cinco para uma). É mesmo menor do que no Copperbelt, em Mombaça e em Kampala (dois para uma) e aproxima-se da existente em Elisabethville, que o autor considera como impressionante resultado da política congoleza de estabilização e alojamento dos agregados familiares.

Deve, no entanto, recordar-se que o sex-ratio do conjunto da população não reflecte o respectivo grau de estabilização urbana. Para se obter uma perspectiva correcta em tal sentido há que, dentro de cada grupo de idade, comparar não só as proporções que cabem a cada sexo, mas sobretudo os elementos que revelam a existência ou inexistência de laços conjugais ou pelo menos de concubinação prolongada. A respeito do primeiro ponto, Hilary Flegg atingiu as seguintes conclusões: a) excesso de raparigas sobre rapazes no grupo dos 0 aos 10 anos de idade; b) modificação abrupta do sex-ratio no grupo dos 10 aos 19 anos, devida ao afluxo dos varões migrantes; c) súbito aumento da população feminina

entre os 20 e os 30 anos, contrastando com um declínio no número de homens; d) diminuição rápida no número de mulheres a partir dos 45 anos; e) raridade dos indivíduos de ambos os sexos com mais de 65 anos.

Com base nestas constatações, extrai a autora diversas ilações que, à luz dos resultados do censo de 1960 e do nosso próprio inquérito, se nos afiguram contestáveis. Diz, por exemplo (36, p. 64):

«A falta de industrialização substancial resulta em insucesso na colocação dos trabalhadores migratórios e na sua transformação como força estabilizada de trabalho. Esses varões partem da cidade, em largos números, para deixar apenas alguns homens em excedente sobre as mulheres, nos grupos de mais avançada idade.»

Ora, segundo o censo de 1960, a preponderância numérica dos varões (se bem que enorme no grupo dos 15 aos 19 anos) é também notável no grupo, dos 20 aos 64 anos. Tanto dos 20 aos 39 anos como dos 40 aos 64 anos a proporção formada pelos varões destes grupos no total da população masculina (37,2 % e 12,3 %) é sensivelmente igual à proporção formada pelas mulheres dos mesmos grupos de idade no total da população feminina (36,9 % e 12,2 %), o que nos parece seguro índice de estabilização.

O facto de entre os censos de 1940 e 1960 o crescimento da população africana da capital ter sido de 153 % para o sexo masculino e de 194 % para o sexo feminino, aliado ao facto do sex-ratio em 1950 haver sido de 190, indica que a desproporção manifesta tendência para diminuir. Elucidativa é também a circunstância de no recenseamento administrativo (que, como dissemos, compreende unicamente a população que se pode considerar definitivamente fixada em Lourenço Marques) o número de mulheres exceder largamente o dos homens adultos, compreendendo-se entre as primeiras um excessivo quantitativo de viúvas (mais de duas mil) — fenómeno comum a todo o Sul do Save.

A relativa raridade das mulheres conduz, naturalmente, à sua sobrevalorização. Descobrem-se, enquanto são jovens e cobiçadas, numa situação de vantagem de que procuram tirar o maior proveito, de harmonia com as suas inclinações e os seus interesses materiais. A essa situação complexa aludiremos em mais pormenor no capítulo dedicado à «posição da mulher». Para já diremos que, tanto quanto nos foi dado apurar, o simples equilíbrio demográfico não conduz, automaticamente, à maior estabilidade das uniões conjugais e da vida familiar.

## COMPOSIÇÃO ETÁRIA

A composição etária da população africana de Lourenço Marques parece não se haver modificado substancialmente entre 1940 e 1960, a crer nos resultados dos respectivos censos, resumidos no quadro seguinte :

|                    |      | 1940   |        | 1960    |        |
|--------------------|------|--------|--------|---------|--------|
| Até aos 15 anos    | H.   | 10 170 | 22,5 % | 21 720  | 17,7 % |
|                    | M.   | 4 929  | 10,9 % | 20 236  | 16,5 % |
|                    | H.M. | 15 099 | 33,5 % | 41 956  | 34,2 % |
| Dos 15 aos 65 anos | H.   | 18 085 | 40,1 % | 50 835  | 41,5 % |
|                    | M.   | 11 226 | 24,9 % | 28 537  | 23,2 % |
|                    | H.M. | 29 311 | 65,0 % | 79 372  | 64,8 % |
| Mais de 65 anos    | H.   | 270    | 0,5 %  | 432     | 0,3 %  |
|                    | M.   | 390    | 0,8 %  | 719     | 0,5 %  |
|                    | H.M. | 660    | 1,4 %  | 1 151   | 0,9 %  |
| Total . . . . .    |      | 45 070 |        | 122 479 |        |

Digno de especial referência é, sem dúvida, o maior equilíbrio numérico verificado entre os menores de 15 anos, o que se nos afigura constituir um indício da crescente estabilização da população.

Para melhor apreender as peculiaridades da composição etária que estudamos, é bastante útil o seguinte quadro comparativo, onde, em colunas separadas, consta, dividida por grupos de idade, a população africana do distrito de Gaza, a população africana de Lourenço Marques e a população não-africana (europeia, asiática e mista) desta capital :

QUADRO VI

| Grupo de idade | Africanos de L. Marques |      |      | Africanos de Gaza |      |      | Não-africanos de L. Marques |      |      |
|----------------|-------------------------|------|------|-------------------|------|------|-----------------------------|------|------|
|                | H %                     | M %  | HM % | H %               | M %  | HM % | H %                         | M %  | HM % |
| 0 a 6          | 17,0                    | 25,2 | 20,3 | 25,5              | 22,3 | 23,8 | 14,0                        | 14,7 | 14,3 |
| 7 a 14         | 12,6                    | 15,6 | 13,8 | 19,3              | 15,5 | 17,2 | 14,3                        | 15,0 | 14,6 |
| 15 a 19        | 20,0                    | 8,4  | 15,3 | 7,9               | 6,7  | 7,2  | 7,3                         | 7,2  | 7,2  |
| 20 a 39        | 37,2                    | 36,9 | 37,1 | 28,8              | 30,1 | 29,6 | 38,0                        | 36,5 | 37,3 |
| 40 a 64        | 12,3                    | 12,2 | 12,3 | 17,0              | 20,9 | 19,1 | 23,3                        | 22,5 | 22,9 |
| Mais de 64     | 0,5                     | 1,4  | 0,9  | 1,2               | 4,2  | 2,8  | 2,8                         | 3,8  | 3,3  |

As conclusões respeitantes à composição etária que se podem extrair do censo de 1960 coincidem, nas suas linhas gerais, com as alcançadas por Hilary Flegg (36), no seu inquérito por amostragem. São elas :

a) os menores de 15 anos representam, no total da população africana, uma proporção menor em Lourenço Marques (34,1 %) do que no distrito tipicamente rural de Gaza (41 %), mas, mesmo assim, superior à registada entre os não africanos (28,9 %);

b) os varões dos 15 aos 19 anos constituem, por si só, 20 % da população masculina, o que traduz um afluxo considerável de jovens imigrantes, não compensado por um afluxo de africanas do mesmo grupo de idade;

c) o grupo dos 20 aos 39 anos representa, igualmente, uma proporção superior à encontrada na área rural de referência, mas muito semelhante à dos não africanos;

d) após os 40 anos regista-se em ambos os sexos um retrocesso importante no quantitativo populacional, que parece provocado quer pela curta duração de vida quer pelo regresso ao meio rural;

e) a proporção de indivíduos de mais de 65 anos é ínfima.

As populações africanas, sejam urbanas ou rurais, são caracterizadas por uma proporção relativamente reduzida de pessoas idosas, quando comparada com a prevalecente nos países desenvolvidos onde os maiores de 65 anos não raro ultrapassam 10 % do total da população. A duração de vida é, naturalmente, mais curta devido à menor idade em que é iniciada a vida activa, à mal nutrição secular, à enorme gama de doenças tropicais e, enfim, à ignorância dos mais rudimentares preceitos sanitários e higiénicos.

No nosso meio urbano a proporção de pessoas idosas ainda se apresenta mais diminuta devido a outros factores complementares. Falta, em primeiro lugar, um sistema de previdência que suporte os inactivos. Em segundo lugar os velhos têm perante si a possibilidade de sobreviver na região donde são oriundos, graças à economia de subsistência e ao apoio da família extensa. Em terceiro lugar acontece que o nível geralmente reduzido dos salários auferidos pela maioria dos africanos urbanizados lhes torna penoso sustentar os ascendentes quando inválidos para o trabalho. Em último lugar sobressai a dificuldade com que as pessoas de idade suportam as eventuais condições de superlotação e consequente impossibilidade de levar uma existência retirada e com algum conforto

Esta ausência de pessoas idosas parece-nos de molde a provocar um hiato cultural entre gerações alternadas. Segundo os costumes tradicionais (52, I vol., p. 71), os rapazes ficavam com os avós dos três aos catorze anos. No caso das mães celibatárias que se vêm forçadas a trabalhar para sustentar a prole, a impossibilidade de recorrer aos avós causa profundas perturbações, como referiremos.

#### ORIGEM DA POPULAÇÃO AFRICANA

Como já observámos, a população africana da nossa capital é, na sua maioria, composta por imigrantes. A proporção de residentes naturais de Lourenço Marques vem decaindo de ano para ano, tendo passado de 39,6 % em 1940 a 29,2 % em 1950. Actualmente, segundo as nossas estimativas, situa-se, aproximadamente, em 21 %. Trata-se, mesmo assim, duma proporção bastante mais elevada do que a existente em outras cidades africanas onde, por norma, varia de 5 a 10 % (44, p. 173).

Devido à imprecisão das designações comumente empregadas pelos etnólogos para definir as culturas tradicionais e, ainda, à dificuldade que os próprios nativos manifestam para se classificarem correctamente segundo os grupos étnicos (\*), preferimos aqui considerar a área administrativa de origem. Acresce que dos censos de 1940 e 1950 constam valiosos elementos sobre a naturalidade dos habitantes.

Já o censo de 1960 nenhuns dados nos fornece sobre o assunto. Esta carência decidiu-nos a apurar sempre a origem dos indivíduos inquiridos. Os resultados comparativos entre os censos de 1940 e 1950 e o nosso inquérito encontram-se resumidos no quadro VII.

Os números por nós estimados não se afastam muito dos apresentados por Hilary Flegg (36) com base no seu inquérito de 1957, isto é, 60 % de Rongas, Thongas e Changanas, 30 % de Chopes e Bitongas e 10 % de restantes origens, incluindo Suazis.

Um facto importante a assinalar é a crescente proporção de Chopes que entra na composição da população citadina. Pode mesmo aludir-se a uma autêntica «invasão chope», ocupando cada vez maior destaque na vida urbana os imigrantes provenientes desse povo tão diligente e ávido de aprender, mas algo menosprezado pelos Rongas e Changanas.

(\*) G. Balandier (10, p. 36) deparou com idêntica dificuldade em Brazzaville: o mesmo povo era designado de modo diferente, os nomes dos clãs, das regedorias e das regiões de origem eram arbitrariamente confundidos.

QUADRO VII

| ORIGEM                        |                              | PERCENTAGEM |         |         |
|-------------------------------|------------------------------|-------------|---------|---------|
|                               |                              | Em 1940     | Em 1950 | Em 1968 |
| L. Marques e Gaza (*)         | Lourenço Marques . . . . .   | 39,6        | 29,2    | 21,0    |
|                               | Bilene . . . . .             | 4,4         | 5,1     | 6,2     |
|                               | Gaza . . . . .               | 9,7         | 7,4     | 8,2     |
|                               | Chibuto . . . . .            | 8,4         | 9,9     | 10,3    |
|                               | Muchopes . . . . .           | 6,2         | 8,6     | 11,4    |
|                               | Restantes divisões . . . . . | 19,0        | 22,3    | 23,2    |
| Inhambane                     | Inhambane . . . . .          | 4,9         | 5,2     | 6,7     |
|                               | Zavala . . . . .             | 2,0         | 3,7     | 5,4     |
|                               | Restantes divisões . . . . . | 1,7         | 4,9     | 5,2     |
| RESTANTES DISTRITOS . . . . . |                              | 2,9         | 2,5     | 1,9     |
| OUTRAS PROCEDÊNCIAS . . . . . |                              | 0,5         | 0,4     | 0,1     |

(\*) Houve que considerar conjuntamente estes distritos por em 1940 ainda não existir o de Gaza.

Em contraposição, nota-se um número relativamente restrito de oriundos das áreas mais próximas da capital — como Maputo, Namaacha, Sábiè e Magude — o que pode explicar-se pela decidida preferência dos respectivos habitantes pelo emprego assalariado no Transval e Natal, preferência estimulada pela proximidade de uma fronteira inteiramente permeável, pela dupla nacionalidade de muitos naturais e pelo condicionamento quase secular a um tipo especializado de trabalho migratório, com salários superiores à média auferida na Província.

Lourenço Marques constitui portanto uma excepção à regra segundo a qual, nos centros urbanos do continente negro, o número de imigrantes africanos varia em razão inversa da distância a que se situa a sua região de origem (89, p. 258). Deste facto ressalta a enorme importância de que se reveste, para a população africana, o problema das comunicações com o interior.

## DURAÇÃO DE RESIDÊNCIA

No inquérito que realizou em 1957, Hilary Flegg (36), visando apurar a propensão da população africana para se estabilizar em Lourenço Marques, também recolheu elementos sobre a duração de residência urbana dos inquiridos. Todavia, as suas conclusões parecem-nos algo contraditórias. Reconhece, em certa altura, que os dados obtidos lhe permitiram inferir um substancial aumento no número de residentes permanentes e, conseqüentemente, uma crescente tendência no sentido da estabilização. Mas em outras passagens minimiza a propensão dos africanos para se estabilizarem. Diz, por exemplo (36, p. 61) :

«A distribuição, por idades, da população africana de Lourenço Marques demonstra a anormalidade da estrutura etária, natural num meio urbano onde os trabalhadores migratórios passam apenas um período de contrato em áreas controladas pelos europeus, onde os trabalhadores semi-migratórios vivem na periferia urbana durante a maior parte dos seus anos produtivos e onde apenas uma pequena porção de indivíduos se estabelece permanentemente na cidade, enquanto a maioria regressa, nos anos de declínio, às povoações tribais sitas nas áreas rurais.»

É certo que entre 1957 e 1968 se registou uma modificação política radical com a abolição do regime tutelar do indigenato e dos regulamentos que levantavam restrições à liberdade de trânsito e de fixação de residência. Mas cremos bem que a propensão para o estabelecimento definitivo era já então maior do que alega aquela autora.

Embora se nos afigure que tais elementos não possuem grande significação para avaliar o grau de estabilização da população, diremos que a mesma autora calculou as seguintes médias sobre as idades e duração de residência dos habitantes inquiridos na sua «zona média» que corresponde à área do Posto da Munhuana :

|                  | <i>Homens</i> | <i>Mulheres</i> |
|------------------|---------------|-----------------|
| Idade . . . . .  | 34,33 anos    | 31,9 anos       |
| Residência . . . | 12,27 anos    | 14,19 anos      |

Assim, as mulheres embora tivessem, em média, idade inferior à dos homens, viveriam em Lourenço Marques durante mais tempo.

No nosso inquérito também procurámos obter elementos sobre este problema. Muito embora as percentagens calculadas só tenham significação quando associadas a outros aspectos da vida urbana, apresentou-se assim a duração de residência declarada pelos homens e pelas mulheres inquiridas, não naturais de Lourenço Marques :

|                                         | <i>H</i> | <i>M</i> |
|-----------------------------------------|----------|----------|
| 0 a 10 anos de residência . . . . .     | 18 %     | 12 %     |
| 10 a 20 anos de residência . . . . .    | 73 %     | 76 %     |
| Mais de 20 anos de residência . . . . . | 9 %      | 12 %     |

## DENSIDADE DA POPULAÇÃO SUBURBANA

Podemos arredondar para 170 000, em 1968, a população africana que se encontrava na área do posto administrativo da Munhuana. Sendo essa área de 44,5 km<sup>2</sup>, teremos aí uma densidade média de 3820 habitantes africanos por quilómetro quadrado.

Tal densidade parece baixa se a compararmos com a encontrada por G. Balandier (10) nos bairros africanos de Brazzaville, isto é, 8900 habitantes por quilómetro quadrado em média, com um máximo de 15 900 e um mínimo de 3800. Ela porém não se distribui uniformemente por toda a área suburbana. Um simples relance pela fotografia aérea é suficiente para constatar as profundas diferenças que se verificam. Nos 110 hectares sobre que incidiram os inquéritos directos realizados de 1963 a 1965 em zonas de povoamento concentrado, foi encontrada a densidade média de 14 500 habitantes por quilómetro quadrado. Parece-nos exagerada a afirmação de existirem zonas limitadas dos subúrbios, onde se verificam densidades da ordem dos 30 000 e mesmo 40 000 habitantes por quilómetro quadrado.

## MISCEGINAÇÃO

Em comparação com outras cidades da África Oriental em que se regista uma percentagem elevada de asiáticos, Lourenço Marques salienta-se pela predominância absoluta da população africana e europeia

O seguinte quadro contendo a composição racial, em percentagens, é bastante elucidativo :

QUADRO VIII

| Cidade               | Ano  | Africanos | Não africanos |                    |
|----------------------|------|-----------|---------------|--------------------|
|                      |      |           | Europeus      | Asiáticos e mistos |
| Kampala . . . . .    | 1959 | 51,5      | 6,8           | 41,2               |
| Nairobi . . . . .    | 1962 | 58,6      | 8,05          | 32,7               |
| Mombaça . . . . .    | 1957 | 62,3      | 2,95          | 34,2               |
| Dar-es-Salam . . . . | 1957 | 72,5      | 3,5           | 23,3               |
| Lourenço Marques     | 1960 | 68,5      | 23,0          | 8,3 (*)            |
| Durban . . . . .     | 1951 | 31,6      | 30,5          | 37,8               |

(a) Relativa a 7440 mistos, 6565 indianos e 916 chineses.

As probabilidades de misceginiação da população africana de Lourenço Marques com elementos de outros extractos raciais, parecem diminuir em vez de aumentar. Africanos, europeus, indianos e chineses preferem, aparentemente, mandar vir da origem as suas mulheres. É muito elucidativo, a tal respeito, comparar as taxas de crescimento, por sexos, verificadas entre 1940 e 1960.

|                    | Africanos | Europeus | Indianos | Chineses |
|--------------------|-----------|----------|----------|----------|
| Homens . . . . .   | 153 %     | 158 %    | 51 %     | 30 %     |
| Mulheres . . . . . | 194 %     | 208 %    | 146 %    | 110 %    |

Outros elementos estatísticos demonstram a fraca intensidade da misceginiação. Por exemplo o inquérito realizado pela Assistência Pública, em 1960, entre 109 agregados familiares europeus, asiáticos, mistos e africanos assimilados, residentes no Bairro do Xavane, sito nos subúrbios, apenas encontrou os seguintes casais cujos componentes eram de diferente raça :

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| Homem misto com mulher africana — | 5 |
| Homem europeu com mulher mista —  | 3 |
| Homem africano com mulher mista — | 2 |
| Homem indiano com mulher mista —  | 2 |

Outro exemplo : em 1966 os cônjuges de 757 casamentos registados civilmente no concelho de Lourenço Marques, pertenciam aos seguintes tipos somáticos :

|                  | H   | M   |
|------------------|-----|-----|
| Africanos . . .  | 162 | 160 |
| Europeus . . .   | 466 | 449 |
| Mistos . . . . . | 66  | 87  |
| Indianos . . . . | 52  | 50  |
| Chineses . . . . | 11  | 11  |

Nos 1069 registos efectuados, no mesmo ano, em todo o distrito de Lourenço Marques, verificaram-se apenas 52 casamentos mistos assim divididos :

|                                |                      |    |
|--------------------------------|----------------------|----|
| De homem chinês com mulher . . | { indiana . . . . .  | 1  |
|                                | { mista . . . . .    | 1  |
| De homem europeu com mulher    | { chinesa . . . . .  | 2  |
|                                | { indiana . . . . .  | 4  |
|                                | { africana . . . . . | 1  |
|                                | { mista . . . . .    | 17 |
| De homem indiano com mulher    | { europeia . . . . . | 2  |
|                                | { mista . . . . .    | 5  |
| De homem africano com mulher   | mista . . . . .      | 7  |
| De homem misto com mulher . .  | { europeia . . . . . | 4  |
|                                | { africana . . . . . | 8  |

A misceginiação ilegítima também não parece muito frequente, se é permitido extrair ilações da comparação entre o número de nado-vivos mistos, legítimos e ilegítimos. Na verdade, dos 5499 nado-vivos registados no concelho de Lourenço Marques em 1966 eram mistos :

|                         |                        |     |
|-------------------------|------------------------|-----|
| De sexo masculino . . . | { legítimos . . . . .  | 146 |
|                         | { ilegítimos . . . . . | 118 |
| De sexo feminino . . .  | { legítimos . . . . .  | 155 |
|                         | { ilegítimos . . . . . | 134 |